

Lixo e purpurina¹

Trash and glitter

Matheus Silva²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil

E-mail: matheus_silva84@yahoo.com.br

Resumo

O ensaio-manifesto aqui presente é uma carta amorosa e reflexiva onde trato do meu modo de trabalho, meu modo de existência bixa e meu modo de fazer arte com uma estética ligada à bufonaria e ao burlesco. Tal manifesto opera também como registro de uma época em Belo Horizonte, quando apresentávamos o show “Sonoridades Obscênicas”, do agrupamento ObsCENA, agrupamento esse que trabalhou com intervenções urbanas, mascaramentos, bufonaria. Uma carta-manifesto que refaz o percurso de um cabaré que propõe e refaz *performances* na contemporaneidade, de maneira que também expõe, durante esse mesmo processo, a minha instauração singular de “AdivinhaaDiva”, uma bufona-ciborgue-bixa.

Abstract

The manifesto-essay present here is a loving and reflective letter where I discuss my way of working, my way of faggot existence and my way of making art with an aesthetic linked to buffoonery and burlesque. This manifesto also acts as a record of a time in Belo Horizonte, when we presented the show “Sonoridades Obscênicas”, by the group ObsCENA, that worked with urban interventions, masking, buffoonery. A manifesto letter that retraces the journey of a cabaret that proposes and remakes performances in contemporary times, in a way that also exposes, during this same process, my unique instauration of “AdivinhaaDiva”, a buffoon-cyborg-faggot.

Palavras-chave

Bufonaria. Teoria Queer. Ciborgues. Arte da performance.

Keywords

Buffoonery. Queer Teory. Cyborgs. Performance art. Potency. Desire. Power. Affections. Resistance.

1 Abreu, 2005, p. 193-210.

2 Matheus Silva é artista das artes cênicas que performa e pesquisa a Teoria Queer, com doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes - EBA, da UFMG (Conceito 6). Por meio do ativismo na arte da performance, investiga o conceito de corpo desembestado e, somado a uma série de dispositivos extradisciplinares, instaura uma existência bufona-ciborgue-bixa.

Porque o nosso amor é maior...
 carrega patoás
 a rua é minha casa
 o corpo só pertence a ela
 eu nasci manga
 ai que vontade de comer goiaba
 eu vou navegar...

Figura 1 - *AdivinhaaDiva*, durante o Sonoridades Obscênicas realizado na Gruta! – Casa de Passagem, em 20 de agosto de 2016, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto de Letícia Andrade.

Cara *performer*, gostaria de relembrar um feito nosso, a intervenção performática “Sonoridades Obscênicas” (2011-2017). Mas gostaria de lhe contar sobre minha vivência ali... e como aquilo alimentou e potencializou minha vida. Que saudade tenho... confesso uma certa tristeza por não estar mais realizando esse trabalho. Dizem que temos que aprender a não nos apegar e deixar o tempo de cada coisa existir e morrer... a teoria do desa-

pego. Mas tem um cientista do mesmo bando de Frankenstein em mim e não suporto muito a morte das coisas... pelo menos das que ainda amo muito... mas vai saber, né?... Essa loucura faz parte de mim. Concebida pelo ObsCENA³, “Sonoridades Obscênicas” estreou em 15 de junho de 2011, por meio do projeto “Música e Poesia”, promovido pelo Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais (CCUFMG). Nosso cabaré extemporâneo reunia o material resultante das intervenções urbanas realizadas pelo agrupamento durante o projeto “Corpos públicos, espaços privados: invasões no corpo da cidade”. Tratava-se, cara pesquisadora, de uma intervenção cênico-musical que concentrava uma poesia sonora e visual maldita, pautada na investigação de diversas linguagens artísticas: literatura, música, dança, teatro, vídeo. Um show cênico-musical cuja construção coletiva produzia, por meio da carnavalesação e da brincadeira, um espaço de acontecimentos. E nomeamos o conjunto obscênico de “Banda depressão pós-dramática”.

Queríamos ser devoradas e, para isso, confeccionamos um certo roteiro, um “cardápio” composto por músicas, poemas, impressões, imagens, palavras, gritos, sussurros, manifestos, tendo a cidade como inspiração sensorial. Recorda, querida *performer*? Ficava exposto ao público, sempre que possível, escrito em lousas e cartazes, ou mesmo nas paredes da Gruta!⁴. Uma tessitura à flor da pele estava sempre presente nessa experimentação: uma profusão de sons, ruídos e ritmos somados a vários textos e sensações corpóreas em conexão direta

3 O obsCENA foi composto, desde seu início em 2007, por artistas e pesquisadores com interesse tanto em procedimentos de ocupação/intervenção em espaços públicos e urbanos, como também pelo “corpo-instalação”, por meio da investigação de uma ação não representacional, a partir do estudo da performatividade e das obras de artistas como Artur Barrio, Hélio Oiticica e Lygia Clark.

4 A Gruta! é um Centro Cultural onde ocorrem festas, ensaios, bar, cinema, locação e apresentações artísticas, localizada no bairro Horto, em Belo Horizonte/MG.

com os presentes. Cantávamos pontos de umbanda para “Exu” e “Pomba-Gira” junto a um certo sa-rau repleto de problematizações comuns às *performers*, tais como o amor, a dor, o esgotamento, as religiosidades, a política, a contra cultura. No último quadro do show, todes eram convidadas a celebrar e saudar a rua *in loco*. Para nós, cuidados coletivos sempre foram tecnologias de luta... Para mim, o “Sonoridades” era uma peregrinação bixa, um show de protesto, festa de rua, cabaré, zona de recomposição, taverna e feitiçaria. Um evento-festa, uma celebração repleta de deboche, fervo e putaria. Perturbações divinas deportavam-me da intencionalidade de algo para viver a pura intensidade do “instante-já”⁵. A gente queria mesmo era cutucar os “incutucáveis”. Éramos efervescências tempestuosas, recheadas de frenesi e alegria do ultraje. Um caldeirão de delícias grosseiras e grotescas: secreções, maquiagens, cicatrizes e próteses⁶. Corpas-combustão, explosivas, perigosamente inflamáveis. Minha cara, querida performer, é ruína, é erosão.

5 Lispector, 1978, p. 16. “Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero o seu fluxo”.

6 Recolhia, naquele período, lixo nas ruas de Belo Horizonte, no bairro onde morava, Sagrada Família, nas segundas, quartas e sextas-feiras, dias em que recolhem o lixo, fazem a coleta com um caminhão. Percorria cerca de seis ruas no entorno do apartamento onde residia, fazendo uma espécie de zig-zag entre as ruas, não fuçando necessariamente nos lixos, mas os colhendo. São materiais incorporados para um ritual de emasculação e monstruosidade de *AdivinhaaDiva*, que se transmuta sempre com a chegada de novos achados, numa mistura intensa de acaso, encontro, suspensão e desaceleração, caminhada, perambulação e vagância. Uma monstra montada a partir do limbo, das carcaças e outros recursos e dispositivos para uma montagem experimental e que se redesenha a cada novo achado.

Assim, *AdivinhaaDiva* era instaurada por mim.

Era um babado, cara performer... a gente se jogava em uma multiplicidade cênico-musical-performática que gerava um acontecimento composto por manifestos pessoais e “impessoais”, todos em sua singularidade; canções de autoria de integrantes do agrupamento e também do domínio público, além de trechos de poesias e músicas que nasciam das inquietações das pessoas envolvidas. Uma trajetória inventiva onde podia-se percorrer, transitar por “n-sexos” em “n mundos”. A gente dava um jeito de elevar o nosso ânimo, de defender nossas vidas cantando... Uma caldeira de propostas que se cruzavam de modo a se provocar: todes têm direito à vida? Corpo-pacote, corpo-embrulho, corpo-encomenda: estaríamos fadades às importações? Nosso combate era fazer emergir as potências dos corpos silenciados por um padrão dominante. Um corpo-protesto feito de anexos plurais: ferragens, caixotes, computadores, luz, microfones, bebida alcóolica, calcinha, meia-arrastão, violinos, taças, saltos, mixagens e tapete vermelho: glamour das larvas luxuosas. Tecelagem de divas de um mundo outro. Músicas para extravasar visões, confundir termos, empestear os corpos presentes. Atualização, experimentação, paródia, ironia, deboche, fatos e acontecimentos que lidavam o tempo todo com o excesso, o caótico, o disperso e geravam espaços lacunares, arejados, de desentupimento e “descondicionamento”. Bufonas e todo um bando de existências que reexistiam. Monstras, ou seja, nunca prontas, sempre em trânsito, nunca terminadas, nunca concluídas e determinadas. Que se querem “fuleras”⁷, desobedientes e muito, mas muito levadas e travessas.

7 A “fuleragem” desvia de lógicas espetaculares, privatizadoras, homogeneizadoras e pacificadoras realizadas no mundo inteiro; é “mixuruca e não efêmera. [...] A fulleragem se dá por parasitagem na paisagem física ou virtual, com participação iterativa do espectador que dança, canta, pula corda ou se excita em frente da enceradeira vermelha” (Aquino e Medeiros, 2011, p. 202).

Figura 2 - *AdivinhaaDiva*, durante o Sonoridades Obscênicas realizado na Gruta! – Casa de Passagem, em 20 de agosto de 2016, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto de Sabrina Andrade.

Figura 3 - *AdivinhaaDiva* e Leandro Acácio durante o “Sonoridades Obscênicas”, realizado na Gruta! – Casa de Passagem, em 02 de setembro de 2011, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto de Daniel Botelho.

Lembra dessa foto, cara *performer*? Era do

quadro “Dzi Croquetes”⁸, um baile de máscaras produzido junto aos *performers* Leandro Silva Acácio e Wanira Vampira, parceira de tantos projetos artísticos no teatro e na arte da *performance*. Nele, dançávamos passos reinventados da diva rainha Madonna, usando máscaras demoníacas ao som do *sampling* de uma música da apresentadora Xuxa Meneghel, conduzido pela *performer* Joyce Malta. Gosto de recordar, também, da dublagem que Wanira e eu realizamos no show, chamado “A obscena”, em que dublamos um confronto entre as personagens Perpétua e Amorzinho, da novela “Tieta”⁹, exibida entre 1989 e 1990, pela Rede Globo de Televisão. Nesse quadro do show, ao contrário de Amorzinho, que era submissa à personagem abusiva Perpétua, eu me contorcía, rebojava, exibía a bunda com calcinha, batia os saltos em cima da escada de madeira, na *Gruta!*. A dublagem era ralentada, acelerada, descontraída, repetida e nossas corpos respondiam a essa brincadeira sonora, proposta por Joyce. Que festa! Que incêndio de corpos inflamadas! Percorremos uma divina ambição – uma utopia ética-estética-política ambiental. Um rolê nômade. Um apelo pelo viver. Uma gana de vida, numa mistura imprevisível entre calor, transe, suor, lágrimas, saliva.

8 Esquete inspirada no grupo carioca de mesmo nome da década de 70 que, no palco, implodiu os conceitos dos papéis sexuais, apresentando-se de forma andrógena, misturando cinta liga e batom com cuecas e barbas.

9 Trecho da cena disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDp30zdP3TY>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Figura 4 - *AdivinhaaDiva*, durante o Sonoridades Obscênicas realizado na Gruta! – Casa de Passagem, em 20 de agosto de 2016, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto de Sabrina Andrade.

O nosso pocket show manteve-se aberto e se recusava ao encerramento das formas, à tirania de uma presença indutora. Estou certa, cara *performer*? O tesão movia nossas existências e só desejávamos celebrar a vida, o indecente, as ciganas, os sinos, as correntezas fortes. “Loucura, chicle & som” (Abreu, 2005). Você e eu, querida pesquisadora, vivenciamos os corpos ambíguos, de devires, livres da fixação de territórios fronteiriços, em prol da livre movimentação dos fluxos e das arquiteturas. Era um rito de esgotar, esgarçar, escrachar, esboçar novos quadros que se desenhavam, capazes de removerem as ideias e os corpos presos em convenções. Não estávamos lá para agradar e reforçar padrões machistas. A nossa montagem desde sempre e para sempre é e será uma prática de liberdade, um cuidado de si. Nossas corpos alteradas são nossas máquinas de guerra. Participamos de uma guerrilha do exagero, da sobreposição. É pelas ruínas que montamos um novo mundo. Nossa decadência nos inspira a altos voos cadentes. Ficamos cada vez mais monstros em nossa montagem: cada vez mais imperfeitas, inacabadas. Mais horrendas, monstruosas, disformes. Nunca nos interessou uma unanimidade do pensamento, mas desmascarar convenções, ideias e ideais socialmente estabelecidos.

Somos desviantes, cara *performer*. E nossa crítica assume a forma caricata para que possamos

sempre rir de nós mesmas, rirmos do mundo com o mundo. O que ainda nos chocava, sempre, foi viver em um mundo com direitos negados ou dificultados. Nossas corpos, carregadas de marcas e cicatrizes, ultrapassam, a cada dia mais, medos e traumas impostos por modos de vida opressores. Fazemos parte de um bando cujas corpos agem a partir de táticas de resistência e estratégias de infiltração. Aprendemos a escrachar esses que nos interrompem, nos querem anuladas, silenciadas... esses que vivem deitados em berços esplêndidos, “vivem contando dinheiro e não mudam quando é Lua cheia”¹⁰. Não permitiremos que nos façam de bobas, que nos enganem com suas hipocrisias. Não há espaço de tolerância com os micros fascismos. Teremos de combater e estar sempre em guerra contra os poderes que insistem em se inscrever sobre nossas corpos. Já não podemos mais admitir nem mesmo uma convivência com essa virilidade patriarcal.

O problema é que esse poder quer impor seus modos de vida sobre o nosso. O problema é que julgam que suas percepções são as mais certas. O tom autoritário e impositivo desse discurso é ensurdecedor. Nossas concepções de vida são tão distintas a ponto de não conseguirmos achar um assunto em comum, sem brigar? Estamos sempre tão intolerantes com o que o outro tem a dizer. Quando trocamos palavras, parece que não nos escutamos. Somos de galáxias tão distantes assim? Minha corpa bixa repele tais modos de persuasão barata, mas que custam caro às vidas nossas. Tantas. Esses modos de conversar e agir bloqueiam o meu. O nosso. Enquanto tratam de certezas, falamos de desvios... querem um modo de vida que eu não compreendo. Não aceito. Não aceitamos. Vocês querem se infiltrar em mim! Mas sou eu que me infiltro em vocês. Esse é mais um apelo que borbulha em minha guerrilha bixa: eu cansei do constrangimento de existir bixa. Eu cansei da minha vergonha

¹⁰ Cazuza, canção “Blues da Piedade”, do álbum *Ideologia* (1988).

de encarar a minha bixice. Eu cansei da sensação de fenômeno. Mas eu não vou desistir. Se minha corpa provoca isso tudo, é porque precisa provocar. É preciso não confundir respeito com submissão.

Um cabaré, para acontecer, cara *performer*, precisa de anarquia e não controle. A gente era envolta em uma força que atuava corporalmente, capaz de estourar os átomos e liberar muita energia: uma bomba. A gente era montada e desmontada; a gente amontoava, derramava, infestava: nosso deboche não era ensaiado e sim, sempre inconveniente. Nosso cabaré não era desagradável, talvez um pouco incoerente, mas não feito de almas impotentes. Elas ofuscam, um brilho feito raio laser. Uma “fechação” que abria lugares. Celebração dos rabos. Ritual delirante de monstros aberrantes. Um desejo louco por dançar, requebrar, sensualizar. Desmanche veloz, asas de borboleta-larva-mariposa-bruxa. Precisávamos de um único motivo para celebrar a vida? Não, comemoramos e seguimos celebrando instantes, destemida *performer*. Nosso cabaré não está na estreia e nem na despedida; está na festança, na bagunça do ir. Nele “rimos alto, bebemos e falamos palavrão..., mas não sorrimos à toa”¹¹; somos naufragas, “mas não seguimos à toa” ...

Nosso ferveo, amada *performer*, arrebenta em nós e por isso nunca conseguirão mantê-lo na coleira. É desacorrentado. É desenfreado. É desembestado. Mas é, amiga, não fica querendo ser. É desafinado e é isso mesmo: amador. É no desafino que soamos liberdade. Nosso chamado, poderosa *performer*, é “desafine! Pois só assim desafiará a si mesma!” Não nos esqueçamos nunca, caríssima: é preciso arriscar. Como não “corporativizar” a vida? Libertem-se e nos libertem também. Esses “poderes” têm a potência de sabotar tudo, também. Querem nossas corpos medrosas e controladas... almejam gerar um afogamento e não deixar nada respirar. Mas, em meu “cuidado de si” como prática

de liberdade, repito a mim mesma: “Cuidado para, no instante-já do viver, não querer apenas acertar. Sua ânsia de ver tudo certo como planejado, de dar o seu show previamente ensaiado, pode fazer tudo ir água abaixo. Suas certezas e sua defesa são suas garras; mas cuidado para não se ferir com suas próprias unhas. Não se corte mais, amada. Você pode fazer tudo não acontecer, saiba disso. Existe, em você, algo que estrangula tudo aquilo que desconhece: seu medo da incerteza pode fazer nada fluir. Você, que diz tanto sobre fluxo, pode ser quem o entrava, quem o bloqueia, quem o boicota, tornando-se um contrafluxo... sabia disso?”.

Quero leveza em meu trabalho, querida *performer*. Meu trabalho não precisa ser um esforço. Sou contra a noção de que um trabalho é dignificado pela dor, pelas dificuldades ultrapassadas. Sem dúvidas, produzo um ofício meticuloso. Mas não estou em busca da dor. A dor, o esforço, a labuta sem fim: não me dignificam. Esses sentidos estão longe do que entendo como trabalho. Meu trabalho abre espaço para minha multidão inaudita. Meu trabalho é sempre uma saída de emergência, uma linha de fuga aos estrangulamentos do dia-a-dia. Transformar cansaço em exaustão. Estou exausta, cada vez mais pensando em “como superar o grande cansaço?”¹² Eu quero seguir nesse movimento. Exaurir os acúmulos de tudo, arejar os espaços todos. Percorrer os caminhos infinitos e menos percorridos. Meu trabalho tem uma natureza leve, tal como um pirata que curte a brisa do mar. É leve a pessoa que, ao agir, efetua a sua própria natureza. Mas não se mostra leve. Lido com a dor de uma existência que parece cada vez mais ter de brigar para poder qualquer coisa. Às vezes, fico sem paciência para explicar: “prefiro me tratar no artigo feminino, porque é “a bixa”, e não “o bixa”, mas não me importo em ser chamada no artigo masculino”. Como combater o sexismo da língua maior? Uso “corpo” ou “cor-

11 Antunes, Arnaldo. Canção “Volte para o seu lar”, do álbum “Um som” (1998).

12 Fukushima, Eduardo. Nome do espetáculo estreado em 2010.

pa”? É preciso ultrapassar aquilo que, é para que a vida possa passar. Ultrapassar a eterna sensação de “nossa, e agora, o que é que eu fiz de errado?”. E, repito, falo de um lugar privilegiado e acadêmico. Falo de um lugar, e falho nesse lugar também. Sou a causa ativa de minhas próprias ações.

Figuras 5 e 6 - AdivinhaaDiva, durante o Sonoridades Obscênicas realizado na Gruta! – Casa de Passagem, em 20 de agosto de 2016 e 01 de abril de 2017, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto da esquerda de Sabrina Andrade e da direita de Franciele Laura.

Para fluir, é preciso correr e não ficar fixada ao ponto de chegada, ao final, ao seu atingir. Querer atingir tudo é não atingir nada. E, de *AdivinhaaDiva*, a bufona-ciborgue-bixa que instaurou durante os shows, ouço: “Sua ânsia é a minha, eu sei. Nossa ânsia, que assim seja, nos coloca no papel “obstruidor”. Ó dor... Obstruir-se e obstruir o outro. Você pode estar presa ao possuir. Você não está atrás de um reino despótico? Um reino onde possa ter tudo sob seu controle?” É preciso sair do caos, eu sei, mas precisamos estar atentas às burocratizações de tudo aquilo que faz drenar energias. Ou então viveremos essa vida sem gosto, ou com gosto de parede. Como abrir-se aos “acidentais”? A mistura com o desconhecido está por vir. E não há como saber, você vai se misturar. Tem sempre, é claro, a opção de abraçar ou negar o que te ocorre. O acontecimento depende também desse risco: pode ro-

lar, ou não. E como estar à altura disso também? Como lidar com o não-êxito? Como ultrapassar a insegurança perante o vazio, ao nada? Fazendo. Entrando na “terceira margem do rio” (Rosa, 1972). E ela só pode ser a própria travessia, o meio, a correria, a correnteza. É aberrante, sem dúvida, porque “pula contra a vontade do chão”¹³. A gravidade... a gravidade do que se vive hoje. A gravidade da ultra violência gratuita. A gravidade da gratuidade. A gravidade da banalidade de tudo. E como estar junto à gravidade dos momentos e movimentos quando se está grávida de existências mínimas?

Estar grávida de novos mundos. Eu preciso dessa bruxaria. Eu sou a médica e a monstra, sou o Frankenstein e seu monstro. Quando criança, eu dizia que queria ser cientista. Inventei para mim minha própria monstra. Uma monstra que ainda não está pronta. Uma monstra ciborgue. A cada dia expande-se mais, misturando e instaurando um novo corpo. A expansão é sua capacidade de fazer viver, legitimar o direito a uma existência livre de constrangimentos, superstições e limitações impostas. “Desaprisionar” nossa rede de conexões, nossa capacidade de sempre acoplar mais. O corpo de um prisioneiro não exerce o poder de um bom encontro. A capacidade de agir de nossas corpas gera certa expansão física, uma política do agregar.

Desembestemos, amiga *performer*... eu sei que você deseja isso, também. Venha compor a nossa multidão. Queremos vicissitudes! Combater o discurso e as práticas de ódio, fogueira e fuzil. Estamos cansadas, minha amiga, das tendências e determinismos... Por isso somos de intenso desacatamento e total impolidez. Do importuno, do embaraço. Do risco, do perigo. Devassas e malcriadas. Somos monstras ciborgues, ou seja, nunca terminadas, nunca prontas, nunca determinadas. Um amontoado brilhoso. Restos radiantes. O mínimo múltiplo incomum. Eles nos ameaçam com balas! Nós chu-

pamos dropes. Somos pluri, multi, somos vampiras e propagamos por contágio e não por filiação. Somos a infestação. Em festa, ação.

Figura 7 - Convidades: Débora Fantini, Denise Pedron e Marcelo Veronez – Sonoridades Obscênicas. Gruta! – Casa de Passagem, em 27 de junho de 2014, Belo Horizonte/MG.



Fonte: Foto de Moacir Prudêncio.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Caio 3D: O essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (Orgs.). *Corpos Informáticos: Performance, corpo, política*. Brasília: Editora do Programa de Pós-graduação em Arte, UnB, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

Recebido: 10/09/2023

Aceito: 16/10/2023

Aprovado para publicação: 12/11/2023

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License

13 Burh, Karina. Canção “O pé”, do álbum “Eu menti pra você” (2010).

4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.